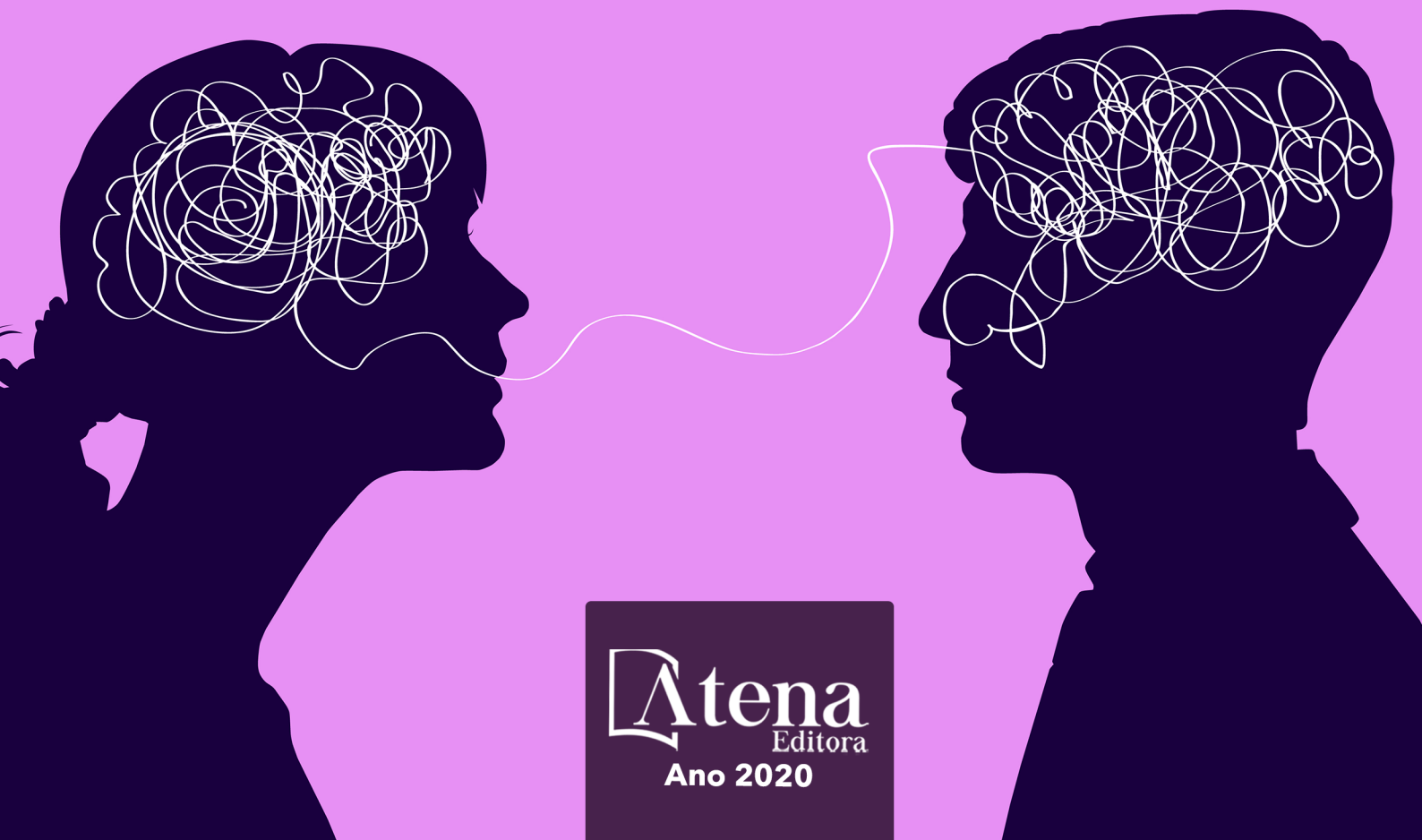


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

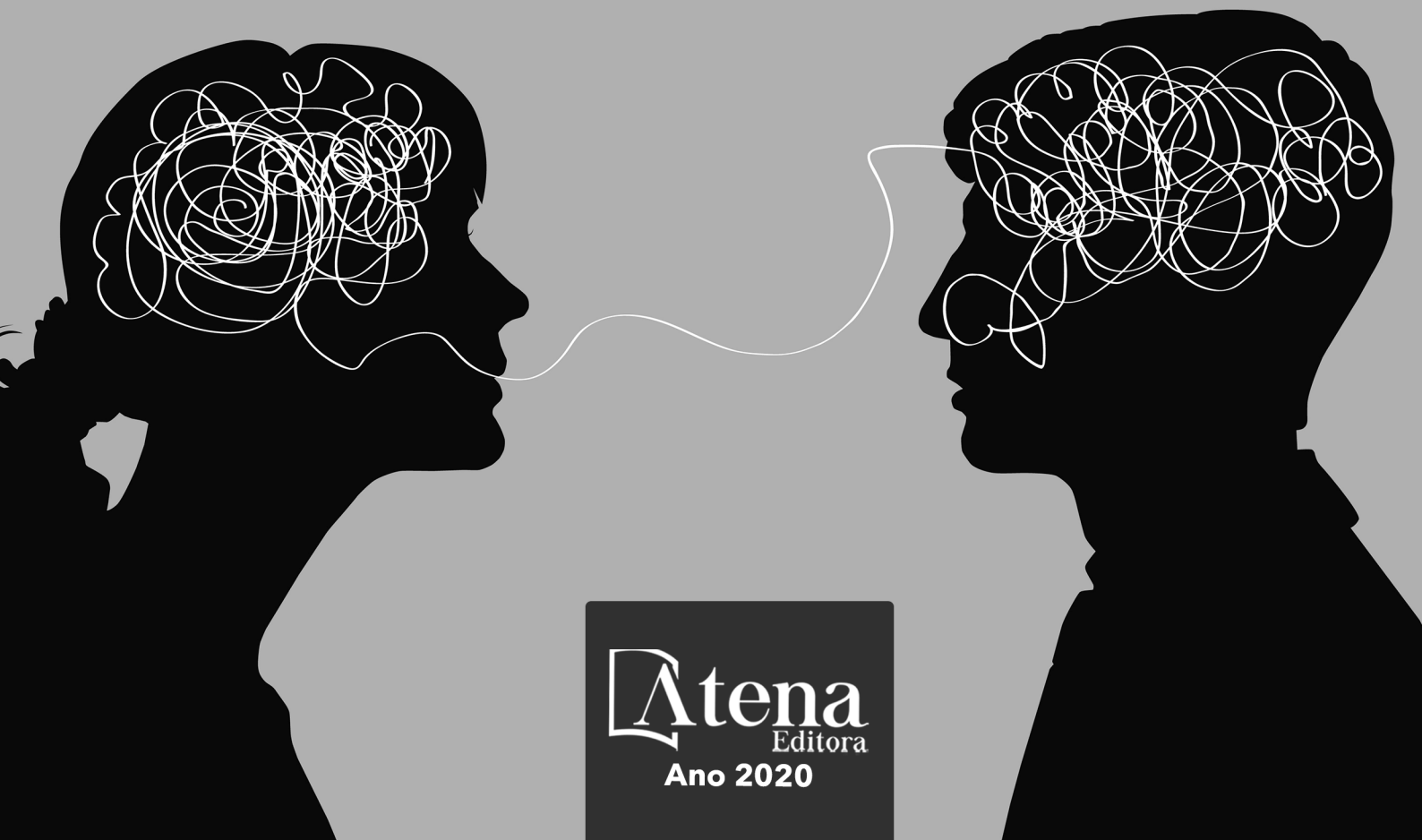
IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : culturas e identidades / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-025-4 DOI 10.22533/at.ed.254202404 1. Letras. 2. Linguística. 3. Artes. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book, as reflexões compõem as áreas de ensino da Linguística, Letras e Artes em uma proposta plural. Quando se tem o contexto de ensino como espaço diversificado do conhecimento, compreende-se que a produção do saber não está associada à política de que os saberes são e devem ser classificados em pequenas caixinhas, sem que não se ofereçam as conexões entre as diferentes áreas da formação humana.

O que tornam necessárias as discussões presentes no referido livro são as noções ampliadas de que a formulação dos conhecimentos ocorre de maneira dialógica, flexível e plural. É nessa diversidade de capítulos que organizam, dão formas, texturas, cheiros e cores ao e-book, que todos os autores disponibilizam suas múltiplas concepções de como o conhecimento pode e deve ser construído, discutido, rediscutido e formulado.

Todos os autores constroem em suas narrativas investigativas um processo de efetivação das oportunidades de aprendizagem, as colocam neste livro de maneira acessível. Sendo assim, nossas reflexões transitam os contextos próprios da Linguística, das análises de obras literárias, isto é, das Letras, e da função que as Artes cumprem em nos encantar, problematizar situações, além de apresentar soluções para tais questões.

Ao escrever esta apresentação de *Linguísticas, Letras e Artes: Culturas e Identidades*, encontro-me, como todo o Brasil, em isolamento social em cuidados contra o inimigo invisível que assola todo o planeta, o covid-19. E, embora, não possamos cumprimentar os nossos interlocutores, sabemos que a essencial necessidade de comunicação do sujeito pela linguagem traz uma luz ao processo de interação e anseios de que dias melhores virão com a aurora anunciada pelas boas notícias.

Nestes tempos sombrios, de muitas mortes, por sinal, medos e tempestades em que a pandemia estar em destaque, amplia-se o discurso *fique em casa*, já que estamos isolados, socialmente, não estamos isolados de acessar o conhecimento capaz de nos acalantar. É, nesse sentido, que os 14 capítulos deste e-book surgem como um bálsamo aos nossos medos e às nossas inseguranças, pois, mesmo que os medos estejam à porta, o saber nos levam além.

Neste livro, propomos a aproximação discursiva entre os termos *culturas e identidades*, posto que linguística, letras e artes compartilham do mesmo contexto de elaboração. Assim, em tempos sombrios e de isolamento social fica a dica de leitura da referida obra, construída em uma proposta plural e disponibilizada a todos. *Fiquemos em casa* com uma excelente e construtiva leitura!

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
COMPETÊNCIA LEITORA: UM ALICERCE PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA	
Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi	
DOI 10.22533/at.ed.2542024041	
CAPÍTULO 2	13
TEORIA DA COMPLEXIDADE: ACONSELHAMENTO LINGUAGUISTICO, EMERGÊNCIA E ATRATORES NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Isabelly Raiane Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2542024042	
CAPÍTULO 3	24
LUSOFONIA EM EXPANSÃO: ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)	
Gabriella da Silva Araujo	
Regina Helena Pires de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.2542024043	
CAPÍTULO 4	38
PERCEPÇÃO DE ALUNOS A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Denise Medeiros Faria	
Jaliane Soares Borges dos Santos	
Maísa Conceição Silva	
Cristiane Siqueira Pereira	
Rogério Pacheco Rodrigues	
Jakline Soares Borges dos Santos	
Geane Silva Lima	
Natalia Lázara Gouveia	
Janice Soares Borges dos Santos Souza	
Jéssica Campos Silva	
Jordana Américo Zei Andrade	
Waldiclécio Ribeiro Farias	
DOI 10.22533/at.ed.2542024044	
CAPÍTULO 5	47
ENSINO DE GRAMÁTICA E TEXTO NA ESCOLA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2542024045	
CAPÍTULO 6	63
TOPÔNIMOS LATINIZADOS NA FLORA BRASILIENSIS: O ANO DE 1819 DA MISSÃO AUSTRO-ALEMÃ NO BRASIL	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.2542024046	
CAPÍTULO 7	73
UM PERCURSO SOBRE O ROMANCE 'DOIS IRMÃOS', DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.2542024047	

CAPÍTULO 8	83
ANÁLISE DE RETRADUÇÕES BRASILEIRAS DO CONTO <i>THE IMP OF THE PERVERSE</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
Juan Carlos Acosta	
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard	
DOI 10.22533/at.ed.2542024048	
CAPÍTULO 9	98
RIGOBERTA MENCHÚ TUM: SUBJETIVIDAD, TESTIMONIO Y ESCRITA AUTO FICCIONAL	
Margareth Torres de Alencar Costa	
DOI 10.22533/at.ed.2542024049	
CAPÍTULO 10	109
AS CURVAS DA ESTRADA DO PLAYBOY-HEROI: A MÚSICA DE ROBERTO CARLOS E A DANÇA EM “AS CANÇÕES QUE VOCÊ DANÇOU PRA MIM”	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.25420240410	
CAPÍTULO 11	122
KLEZMER E O VIOLINO: DO TEATRO <i>YIDDISH</i> À SALA DE CONCERTO	
Edison Valério Verbisck	
Eduardo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.25420240411	
CAPÍTULO 12	134
O IMAGINÁRIO SOBRE TECNOLOGIA: ANÁLISE DA REALIDADE VIRTUAL NA SÉRIE BLACK MIRROR E SUA POSSÍVEL UTILIZAÇÃO PUBLICITÁRIA	
Marina Strumiello Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.25420240412	
CAPÍTULO 13	146
PERFORMANCE E DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL: A INCORPORAÇÃO DA TÉCNICA PELA PRÁTICA	
Giovanna Gabriela Farias Machado Pieroni	
Fernanda Nardy Bellicieri	
DOI 10.22533/at.ed.25420240413	
CAPÍTULO 14	165
REPRESENTAÇÕES CANIBAIS: ASPECTOS FRAGMENTÁRIOS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA – PENSAMENTO ARTÍSTICO A PARTIR DO FILME RAW	
Marcos Pedro da Silva	
Maria Regiane da Silva Lopes Barrozo	
Vinicius André da Silva Appolari	
Andreia Nunes de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.25420240414	
SOBRE O ORGANIZADOR	176
ÍNDICE REMISSIVO	177

COMPETÊNCIA LEITORA: UM ALICERCE PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA

Data de aceite: 13/04/2020

Data de submissão: 17/01/2020

Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi

IF Fluminense

Campos dos Goytacazes, RJ

<http://lattes.cnpq.br/9338033094619790>

RESUMO: A convicção de que o domínio da competência leitora e da habilidade de escrita representam alicerces fundamentais para um pleno exercício da cidadania torna indispensável uma busca permanente de adequar o dia a dia da sala de aula de português às constantes transformações da sociedade em que estamos inseridos e às frequentes modificações sofridas pela língua portuguesa ao longo do tempo. O ensino de língua/linguagem deve promover reflexão que leve o aluno a compreender o uso/funcionalidade da mesma e à percepção da intencionalidade do locutor do texto efetivando-se assim o caráter dialógico do texto. Fazer os alunos perceberem que os conceitos apresentados em suas aulas fazem parte da gama de textos que circulam em toda a sociedade e com os quais há necessidade de interagir deve ser o objetivo de todo professor

de português, pois é o domínio da língua/linguagem que possibilita ao aluno ver a si mesmo e ao outro na sociedade, reconhecendo assim seu papel social. Tendo como objetivo evidenciar que só promovendo a reflexão dos alunos sobre a língua/linguagem usada em nossas interações sociais, sejam elas formais ou informais, é que de fato se efetiva o processo de ensino-aprendizagem da língua. Para isso, este trabalho se valerá da análise de textos de circulação em diferentes meios midiáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Prática Docente. Língua Portuguesa. Leitura. Escrita.

READING COMPETENCE: A FOUNDATION FOR LANGUAGE TEACHING AND LEARNING

ABSTRACT: The conviction that the mastery of reading competence and the ability to write represent the fundamental principles for the exercise of citizenship makes indispensable a permanent search of let the day by day of the Portuguese class linked to the constant changes of the society in which we are inserted and the frequent changes suffered by the Portuguese language over time. Language teaching should promote reflection that take the student along for a comprehension and the perception of the

intentionality of the author, thus activating itself as the dialogical character of the text. Making students realize that the concepts presented in their classes are part of the range of texts that circulate throughout society and that they are needed to promote the interaction - the goal of every Portuguese teacher -, as it is the domain of idiom / language which enables the students to see themselves and another group in society, thus recognizing their social role. With the objective of showing only promoting the students' reflection on the idiom / language used in our social interactions, be they formal or informal, is that really an effective language teaching-learning process will be implemented. For this, this work will use the analysis of texts in different media circulation.

KEYWORDS: Teaching; Portuguese; Write; Read

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há muito se discute a relevância do ensino de gramática na escola, especialmente da gramática normativa. A concepção de que, ao ensinar a modalidade culta da língua, a escola está perpetuando a opressão imposta aos menos favorecidos cultural e socialmente, uma vez que essa modalidade é a da maioria dos indivíduos economicamente privilegiados enquanto que, por outro lado, a forma coloquial “pertence” aos oprimidos, ainda vigora em nossa sociedade. Tal fato pode ser constatado pela fala bastante comum de nossos alunos, inclusive os do Ensino Médio – que já frequentam os bancos escolares há mais de nove anos –, em que alegam não saber português. Essa afirmativa expõe a visão preconceituosa dos próprios estudantes em relação à modalidade da língua de que fazem uso em suas interações sociais cotidianas, deixando bem marcada a distância entre a língua que se estuda na escola e a que se aprende na vida.

Nas aulas de Língua Portuguesa (LP), faz-se imprescindível convencer o aluno de que a sua língua é a sua identidade e de que conhecê-la em suas diversas possibilidades de uso acarretará não só o desenvolvimento de sua capacidade comunicativa como também contribuirá para a sua formação cidadã preparando-o para as diferentes situações que lhes sejam apresentadas em qualquer esfera, seja profissional seja social, conforme orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Como as situações que são vivenciadas ao longo da nossa vida em sociedade são bastante distintas, cabe ao professor de português levar o aluno a desenvolver sua competência leitora por meio da gama de gêneros textuais que nos cercam e, com isso, levá-lo a buscar sentido nas opções de uso da língua que têm como objetivo atender a cada uma das situações interacionais que vivenciamos e nas quais optamos por uma ou outra tipologia textual, bem como por um ou outro

gênero textual que atenda à intenção comunicativa do locutor, orientando-o para que possa escolher a modalidade da língua e o texto adequado para cada interação comunicativa por ele vivida em seu cotidiano.

2 | O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino da LP como se dá, ainda hoje, em muitas salas de aulas de nossas escolas contribui para manter o *status quo* da educação do Brasil uma vez que é grande o número de estudantes que, mesmo após cursarem todo o ensino fundamental e muitas vezes já concluintes do ensino médio ou até mesmo os que já finalizam todas as etapas da educação básica, desconhecem conceitos básicos da língua que usam em suas interações comunicativas tanto orais quanto escritas, formais ou informais. Essa realidade ressalta que o tempo de permanência de um aluno nos bancos escolares não condiz com o domínio dos conhecimentos linguísticos que ele leva ao deixar a escola. Tais asseverações advêm de experiências com classes de ensino médio (última etapa da educação básica) e com turmas de ensino superior, portanto partem de uma realidade empírica, que, por sua vez, motivou a busca por teorias científicas que conduzissem à modificação desse quadro.

Por ter o cenário educacional brasileiro preconizado durante muito tempo um ensino de língua normativo e prescritivo, que, inicialmente, parecia adequado, pois a escola era frequentada pela camada da sociedade de melhor poder aquisitivo e que fazia uso de uma linguagem próxima da que aprendia nas aulas de LP, essa diretriz de ensino ainda é muito encontrada em salas de aula em todo o território nacional.

A adequação existente entre a língua normativa e prescritiva ensinada e o primeiro público das salas de aula entra em desequilíbrio quando as portas das escolas se abrem para as crianças filhas da classe trabalhadora e que não mantinham contato em sua vida para além dos muros escolares com o “português da escola”. Essa dicotomia entre ensino formal e o novo público das escolas provoca o sentimento de não pertencimento desses novos alunos com o universo escolar acarretando índices elevados de repetência e evasão escolar, contribuindo para a manutenção das desigualdades sociais.

Visto que o propósito consiste em fazer reflexões sobre o ensino de LP na educação básica, os PCN, documentos norteadores da educação no país, foram tomados como fonte inicial e, sobre o ensino de língua materna, eles estabelecem uma relação direta entre conhecimento e domínio da língua/linguagem e o exercício da cidadania.

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são

condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 19)

Essa orientação dos PCN de que o ensino de LP deve conduzir o aluno para uma efetiva participação cidadã na sociedade em que está inserido levando-o a um comportamento mais reflexivo sobre o mundo que o cerca e também a reconhecer seus direitos e deveres para com a sociedade, inculcando nele o sentimento de pertencimento, de identidade que o domínio da língua/linguagem proporciona não poderá ser alcançado enquanto a escola insistir em impor um ensino tradicional aos estudantes.

Ao aproximar factualmente o universo escolar do universo do aluno, a escola estará admitindo os diferentes usos da língua/linguagem e propiciando um espaço de novas opções no que tange ao conhecimento e domínio do português.

Uma prática docente relevante nesse processo é a avaliação e, para que ela se processe de forma efetiva, e não como mecanismo excludente, é necessário compreendê-la não apenas como ação exclusiva do professor com incidência somente nas atividades de ensino em que o papel do professor consiste, segundo CUNHA (2012, p. 123) “em uma tentativa de controle constante de erros e acertos nas produções, no intuito de evidenciar os primeiros e automatizar os segundos”, para esse mesmo autor (Idem), a concepção atual está voltada para “um aprendente valorizado enquanto sujeito da aprendizagem, que precisa aprender a analisar e dirigir suas próprias ações com a mediação do professor”. Sendo assim, as aulas de LP devem ser pautadas em propostas reflexivas de construções linguísticas presentes nos textos com os quais nos defrontamos todos os dias. Para Travaglia (2011),

as condições de existência sociocultural são grandemente dependentes da língua; assim, quanto mais domínio dos recursos e mecanismos desta tiver, melhor a pessoa se movimentará dentro desta sociedade e, portanto, melhor qualidade de vida terá (TRAVAGLIA, 2011, p. 15).

Essas considerações corroboram com a proposta dos PCN de as aulas de LP serem mecanismos de formação do aluno para o exercício da cidadania. Travaglia reforça também a concepção de que o conhecimento e domínio da língua é caminho para a modificação do *status* social dos indivíduos. Objetivando levar o estudante a crescer na sociedade, o professor de LP deve ser criterioso na seleção de textos com os quais vai desenvolver sua prática em sala de aula, de modo que possa, ao fazer uso da diversidade de gêneros textuais presentes em nossas interações sociais cotidianas formais ou informais, de fato, capacitá-lo para isso.

3 | LEITURA: ANDAIME PARA O CONHECIMENTO DA LÍNGUA

O ensino de língua, ao ser feito desvinculado do mundo que nos cerca, não contribui para a formação de um aluno capaz de refletir, avaliar, criticar e formar uma opinião própria sobre questões que nos são postas na vida em sociedade.

A leitura é elemento fundamental para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, para o aprimoramento da criticidade no homem. Ler, seja um texto oral ou escrito, precisa ser uma atividade que agrega a leitura de mundo, isto é, ler o texto com o conhecimento de mundo e ler o mundo com o conhecimento advindo dos textos, visto que somos textos em constante diálogo com outros textos. Para Rezende (2007) “nós nos lemos no que lemos. Ao lermos, nos lemos no mundo e lemos o mundo. E vamos descobrindo a nós mesmos, ao outro, aos outros, o nosso lugar, os outros lugares...”. É essa relevância atribuída ao texto que permite considerá-lo instrumento para o ensino de língua, mas, para que o trabalho com textos amplie o domínio da língua, é necessária uma abordagem mais profunda do texto, para além de sua superficialidade como normalmente vem sendo feita na educação básica.

A escola portanto deve levar o aluno a refletir sobre a língua que usa enquanto se manifesta em sua vida em sociedade, em seu cotidiano, na linguagem de que se apropria para interagir socialmente. Sobre o ensino de gramática e o papel desta nas interações sociais, Neves diz

coloco a gramática na conjunção das relações sintáticas, semânticas e pragmáticas, sempre na concepção de que esses componentes se entredeterminam na direção de ativar o processo de interação verbal, com vista ao efeito pretendido pelos interagentes. Fazer o estudante mergulhar nessa ativação dos processos de constituição dos enunciados é o que cabe a escola, se, de fato, ela quer fazê-lo chegar ao domínio da gramática da língua. (NEVES, 2010, pp. 9-10).

Sendo assim, o ensino da gramática da língua deve proporcionar ao estudante a capacidade de, em qualquer situação comunicativa, expressar-se com propriedade atingindo o objetivo comunicativo a que se propôs.

A seleção de textos encontrada nos livros didáticos adotados nas escolas da educação básica costuma apresentar fragmentos de textos literários tanto em prosa quanto em versos, textos jornalísticos, tirinhas, charges, piadas entre outros. Vale destacar aqui que a justificativa para o uso de fragmentos de textos literários sempre é de que é a forma encontrada para que os estudantes conheçam um pouco da nossa literatura. Ação vista por muitos como não apropriada, pois reforça toda a fragmentação que ocorre no ensino, como por exemplo o estudo das classes gramaticais ser desvinculado do das funções sintáticas, uma vez que há, em virtude da diversidade de construções possíveis com uma mesma palavra, diferentes possibilidades de categorizá-la, tal fato reforça a ideia da necessidade de

contextualização do texto a ser explorado para o ensino da gramática da língua.

Acredita-se que a exploração de textos comuns no cotidiano dos alunos seja mais eficaz para introduzir essa nova forma de estudo da língua, uma vez que apresenta-se com maior concretude aos estudantes e, por isso, levá-los com maior facilidade a refletir sobre a língua com a qual estabelecem contato nas situações vivenciadas no dia a dia. Essa reflexão proporcionará aos alunos, usuários da língua, o aprimoramento da competência comunicativa, pois serão capazes de selecionar, em qualquer situação comunicativa na qual estejam envolvidos, o texto adequado ao seu objetivo, ao seu interlocutor, ao contexto.

4 | ENSINO DE LÍNGUA: REFLEXÃO E APRENDIZADO

Mesmo após o estudo da língua por todos os anos do ensino fundamental, é comum a dificuldade dos alunos em relação à identificação dos termos da oração – reconhecimento que contribui para a apreensão de sentido do texto – à compreensão de que o papel do adjetivo está para além de dar qualidade a um substantivo, de que o estudo dos artigos e dos pronomes não pode ficar limitado à classificação, mas que são relevantes na construção do texto. Essas são apenas algumas das dificuldades observadas nos estudantes oriundos de do primeiro segmento da educação básica, ressaltando-se que a dificuldade é comum tanto em alunos da rede pública de ensino, quanto da rede particular.

Os professores de LP, muitas vezes, preocupados em cumprir todo o planejamento correm com o conteúdo e acabam por ficar quase que integralmente presos ao livro didático, não conseguindo despertar o interesse de seus alunos, visto que a dicotomia entre o universo escolar e a realidade se mantém nessa configuração de aula. Com relação ao trabalho com textos nas salas de aula, Braga e Silvestre (2009) destacam que

O que ocorre com frequência na sala de aula é o texto ser tratado como um discurso desvinculado de seu autor, de sua fonte, enfim, de seu contexto. Não estamos afirmando que o professor não cita a fonte, o autor, a edição etc. O que se quer dizer é que não se dá a essas informações a importância que têm para a construção do sentido do texto. (BRAGA e SILVESTRE, 2009, p. 20)

Assim como é feito com o texto, o ensino de língua se faz pela “decoreba” de regras que são apresentadas aos estudantes em frases descontextualizadas. Essa metodologia contribui para a rejeição que sentem os alunos por sua própria língua. Para Antunes (2014), um estudo descontextualizado da língua

só pode resultar, na prática da sala de aula, em opções de: fazer listas de palavras; identificar sua classe morfológica; formar e analisar frases soltas; identificar a função sintática de termos e orações; ...; ... fazer aquelas coisinhas “sem graça e sem proveito” que todos nós, mais velhos, nos cansamos de fazer! (ANTUNES, 2014, p. 16)

A prática docente, no que tange ao ensino de língua, ao se fazer mais significativa para o aluno, isto é, mais real, mais presente no seu espaço social, deverá propiciar maior capacidade de reflexão e, conseqüentemente, promover o aprendizado de questões da língua.

5 | CONECTANDO A TEORIA E A PRÁTICA

Pautar no texto a exploração de questões linguísticas parece ser o caminho para aproximar os alunos da língua em seus diferentes registros e para desenvolver a habilidade dos estudantes em adequar a língua à situação comunicativa em que estão inseridos.

A identificação, por exemplo, de sujeito é feita pela maioria dos alunos como o termo que inicia a oração, levando à conclusão de que não sabem perceber que o sujeito tem uma função na frase e justificando a confusão que fazem entre sujeito e vocativo. Há alunos que identificam corretamente o vocativo, porém pautam sua resposta apenas na presença ou ausência de vírgula, sugerindo ter memorizado que esta é a diferença entre tais termos.

Estabelecer a diferença entre sujeito e vocativo pode partir de frases que fazem parte de nossas interações sociais que sejam contextualizadas e que, portanto, constituirão um texto ao serem apresentadas dentro do contexto de uso.

Ao apresentar as frases para análise dos alunos, o professor deve pedir que reflitam sobre elas e que criem uma situação comunicativa para cada uma delas. Servem como exemplo as frases:

1. Maria pode entrar agora.
2. Maria, pode entrar agora.

A contextualização dessas frases levará à percepção da diferença entre sujeito e vocativo, visto que tornará possível perceber que há uma clara distinção do interlocutor de cada uma delas. Na primeira, a mensagem é dirigida a uma outra pessoa; na segunda, a própria Maria. O professor pode explorar esses exemplos para marcar o emprego do sujeito implícito (também identificado como oculto ou desinencial) enquanto elemento que contribui para a construção do texto evitando repetição de termos e atuando na coesão textual.

Em classes do ensino médio, há recorrência na definição dos alunos de que adjetivo é a “palavra que dá qualidade a um substantivo”. Definir adjetivo dessa forma indica ser restrita, parcial, a visão dos alunos em relação ao papel do adjetivo em nossa língua. Sobre o ensino dos adjetivos, Neves diz que

Aprendemos durante a vida toda que adjetivo é a palavra que qualifica o substantivo. Como ocorre com tudo o que se aprende de “gramática” na escola, ninguém nos desafiou a pôr essa definição à prova. Ninguém nunca nos pediu,

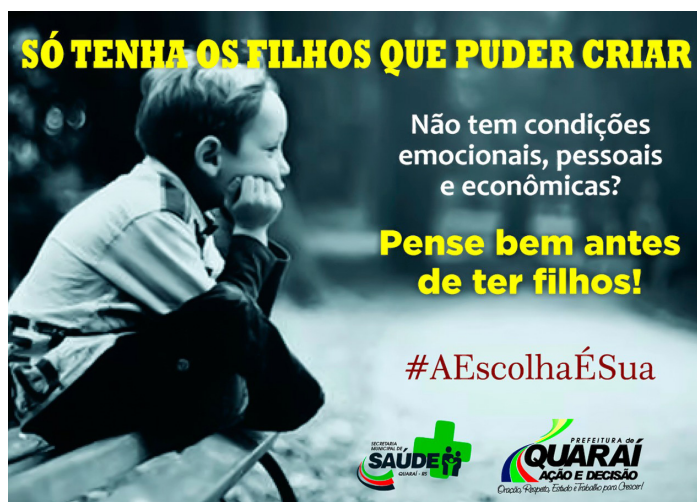
por exemplo, que disséssemos qual a qualidade que está sendo atribuída ao substantivo *hospital*, quando a ele se junta o adjetivo *infantil* (*hospital infantil*) ou ao substantivo *perícia*, quando a ele se junta o adjetivo *médica* (*perícia médica*) (NEVES, 2010, p. 179).

Ainda sobre a abordagem do papel dos adjetivos em nossa língua, Neves continua

Se tivessem feito isso enquanto éramos aluninhos, já naquela primeira vez em que a categoria adjetivo” nos foi apresentada, com certeza nos teriam posto em situação de dizer *Não sei*, e de provocar alguma discussão. Como teria sido bom, já que discutir questões, afirmações, categorizações é o que mais a escola tem de fazer! Saídos da escola, profissionais já, possivelmente até professores de português, talvez ainda nos perturbemos um pouco se tivermos de pôr tal definição de adjetivo à prova (NEVES, 2010, p. 179).

Visando colaborar com a discussão sobre o emprego dos adjetivos na língua e a contribuição deles para o sentido dos textos, questiona-se a organização dos adjetivos que “qualificam” o substantivo condições na frase presente no outdoor que a prefeitura de Quaraí (RS) expôs nas ruas do município.

Em atividade proposta em sala de aula, numa leitura superficial do texto, levou os alunos a criticarem a prefeitura pela proposta de um “controle de natalidade”, pois, na opinião da maioria dos alunos, ela (a prefeitura) não quer gastar ajudando as pessoas carentes a cuidarem dos seus filhos proporcionando-lhes ajuda com medicamentos, fraldas, alimentos diferenciados e caros.



<https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/prefeitura-lanca-campanha-so-tenha-os-filhos-que-puder-criar/> Acesso em 20 jun 2018.

Esse exemplo permitiu trabalhar com os alunos um pouco de seleção e organização das palavras no texto e evidenciar para eles a diferença de sentido que pode provocar. Mostrar que a mensagem passa pela questão econômica também, mas que esta não é a causa principal de o texto ter sido produzido e posto em circulação. Desenvolvendo a leitura do texto a partir da escolha do adjetivo

emocionais, sendo o primeiro a ser mencionado, levou-se os alunos a reavaliarem a situação e perceberem que, para além dos gastos que a prefeitura pudesse vir a ter, estava a condição emocional de cada uma das crianças que nascem em famílias desestruturadas sob o ponto de vista psicológico, social e econômico.

É preciso procurar entender a leitura inicial dos alunos, pois em sua maioria, vivem com dificuldades financeiras, mas são capazes de perceber que há outras realidades além da que vivenciam e, por isso, após as primeiras discussões, foram capazes de lembrar dos inúmeros abrigos onde vivem crianças frutos de famílias que, muito mais por motivos emocionais, não apresentam condição de criá-las.

Justifica-se a opção por apresentar questões envolvendo textos que exploram a linguagem não verbal, pois apesar de o mundo que nos cerca ser imagético, a dificuldade demonstrada em se fazer leitura do não verbal é muito grande e não está presente apenas na vida dos estudantes. Essa complexidade leva os alunos a rejeitarem propostas de trabalhos com tirinhas, charges, cartuns e qualquer outro gênero que tenha na imagem contribuição para a construção de sentido do texto.

Outro aspecto da língua para o qual os alunos sempre apontam ter dificuldade é na construção de argumentos, ao ser solicitado a eles que justifiquem uma resposta convencendo aos seus interlocutores de que a sua é a resposta correta, sempre alegam não saber o porquê de acharem ser aquela a melhor resposta.

Trabalhar a argumentação em sala de aula da educação básica pode ser feito a partir de situações corriqueiras passíveis de estarem presentes no universo de qualquer um de nós. Evidenciar para os alunos que, no campo da argumentação, é possível usar os argumentos para convencer ou persuadir o interlocutor. Sobre esses dois conceitos, Valente (2011) diz que “faz-se necessário distinguir *convencer* de *persuadir*. No primeiro caso, queremos que o outro pense como nós. No segundo, que aja como nós.” Depois da apresentação desses conceitos, é possível compartilhar com os alunos situações do mundo real em que busca-se convencer ou persuadir alguém a algo, desmistificando o sentimento de incapacidade que marca, de modo geral, os alunos da educação básica.

Em função do discurso dos alunos que apontam as suas dificuldades e buscando-se a aproximação com a língua utilizada pelos estudantes, optou-se por usar um texto atual (fragmento de uma música bastante conhecida) associado à imagem o que proporcionou fazer uma leitura de duas linguagens – verbal e não verbal – levando o aluno a perceber que, nos textos do mundo com os quais precisa interagir, encontram-se as duas linguagens a serem lidas.



<http://www.topimagens.com.br/outros/9380-vai-namorar-comigo-sim.html>

Acesso em 20 jun 2018.

A leitura da imagem é que permite a identificação do argumento usado pela menina para convencer o menino a se casar com ela. A reação dele ao levantar os braços e a sua expressão facial fazem supor a sua rendição ao argumento dela.

Nesse texto pode-se explorar questões gramaticais/linguísticas tais como pontuação e a ideia de condicionalidade provocada pelo uso da conjunção *se*, mas esses não devem ser os pontos principais do trabalho com o texto.

Para explorar a coerência, selecionou-se um texto que também mescla as duas linguagens – verbal e não verbal – e, que possibilita ao estudante perceber que há casos em que a coerência depende da visão de mundo e da situação vivenciada pelos interlocutores.

O texto escolhido possibilita o exercício de se colocar na posição do outro para entender o texto produzido por ele. Essa troca de lugar com o outro pode contribuir para uma maior compreensão do mundo e para levar a uma melhor integração com os outros.



- Quer se casar comigo?
- Não posso... Na minha família a gente se casa entre nós mesmos... Meu avô se casou com a minha avó, meu tio se casou com a minha tia, meu pai se casou com a minha mãe...

<https://www.topimagens.com.br/engracadas/5303-quer-se-casar-comigo.html> Acesso em 16 jan 2020.

O texto possibilita ver a coerência na fala da menina se nos transpusermos para o universo de conhecimento dela. O valor do trabalho com textos assim está em promover a reflexão dos alunos acerca dos textos que os rodeiam.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Despertar no estudante a consciência de que a língua está muito presente em sua vida é despertar nele interesse para aprimorar seu conhecimento e ampliar seu domínio das questões linguísticas que envolvem a sua interação na sociedade. Esse deve ser o propósito dos professores da educação básica tanto da rede pública quanto da iniciativa privada.

Uma concepção pragmática do ensino de LP contradiz a concepção de língua como mera fonte de informação a ser passada pelo professor, em que o aluno assume papel de receptor do conteúdo o qual se apresenta para ele como vazio de significado e possibilita uma visão da língua como atividade interacional e, portanto, pertencente a qualquer falante da língua portuguesa.

Ainda que, muitas vezes, os professores têm dificuldade de inovar em suas aulas pela cobrança que sofrem do cumprimento do conteúdo, mas os exemplos apresentados neste trabalho permitem perceber que o planejamento pode ser seguido e que a inovação está na abordagem com que o professor irá desenvolver sua prática em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. *Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula*. São Paulo: Global, 2009.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa*. Brasília: MEC. 1998.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Parte II: Linguagens Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC. 2000.

CUNHA, Myriam Crestian. *A sequência didática: renovação e mesmice em práticas de ensino aprendizagem do Português*. In: *Práticas em sala de aula de Línguas: Diálogos necessários entre teorias e ações situadas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em conflito*. São Paulo: Contexto, 2010.

REZENDE, Lucinea Aparecida. *Leitura e visão de mundo: peças de um quebra-cabeças*. Londrina, Paraná: Eduel, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2011.

VALENTE, André. *Argumentação e textualidade em crônicas jornalísticas*. In: *Língua Portuguesa: descrição e uso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antoine Berman 83, 87, 91, 92

Antropofagia 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Aprendizagem 1, 3, 4, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60

As canções que você dançou pra mim 109, 110, 111, 118, 120, 121

Atrator 13, 16, 20, 21

Auto ficción 98, 102, 103, 104

B

Black Mirror 134, 135, 136, 137, 138, 143, 145

Brasil oitocentista 63, 64, 71

C

Canibalismo 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Cultura Contemporânea 134, 135, 137, 144, 165, 166, 170, 171, 174

Curso Básico 39, 40, 41, 45

D

Dança contemporânea 109, 110, 112, 113, 120

Documentário 130, 146, 147, 148, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 164

E

Edgar Allan Poe 83, 84, 86, 88, 96, 97

Emergência 13, 14, 17, 19, 20, 22, 167

Escrita 1, 31, 47, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 98, 101, 104, 107, 108

Estética 112, 115, 120, 121, 135, 165, 172, 174, 175

Estratégias 20, 34, 47, 49, 52, 57, 58, 59, 60, 111, 113

G

Gramática 2, 5, 6, 7, 12, 26, 30, 31, 32, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 176

H

Historiografia da Linguística 63, 71

I

Imaginário 25, 75, 82, 115, 116, 120, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145

K

Klezmer 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

L

Latim científico 63

Leitura 1, 5, 8, 9, 10, 12, 27, 33, 34, 51, 53, 56, 57, 58, 59, 62, 84, 85, 88, 141, 155, 164, 170

Libras 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Língua 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 71, 72, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 88, 92, 123, 176

Língua Portuguesa 1, 2, 3, 11, 12, 24, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 36, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 58, 61, 62, 72, 78, 82, 176

línguas indígenas 63, 64, 70, 71, 72

Livro Didático 6, 21, 24, 26, 27, 30, 37

Lusofonia 24, 25, 26, 36, 37

M

Música erudita 122

P

Paradigma da complexidade 13, 15, 22

Performance Art 146, 147, 148, 153, 154, 156, 157, 160, 161, 163

Perversidade 83, 86, 88, 89, 90, 91

PLE 24, 26, 27, 29, 31, 32, 35

Prática Docente 1, 4, 7, 36

R

Ready-made performático 146, 160, 163

Realidade Virtual 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Retradução 83, 87, 96

Rigoberta Menchú Tum 98, 99, 100, 102, 106

Roberto Carlos 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

S

Subjetividade 158, 159

T

Teatro yiddish 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132

Testimonio 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105

Texto 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 32, 34, 47, 48, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 119, 130, 148, 153, 168, 173, 174

V

Violino 122, 123, 126, 129, 130

 **Atena**
Editora

2 0 2 0